PRÊMIO
PROFESSOR RUBENS
MURILLO MARQUES

CAJÓN: ESTRATÉGIA INTERVENTIVA PARA COMPARTILHAMENTO DE EMOÇÕES EM SALA DE AULA

Daniela Franco Carvalho
Universidade Federal de Uberlândia – UFU
Instituto de Biologia

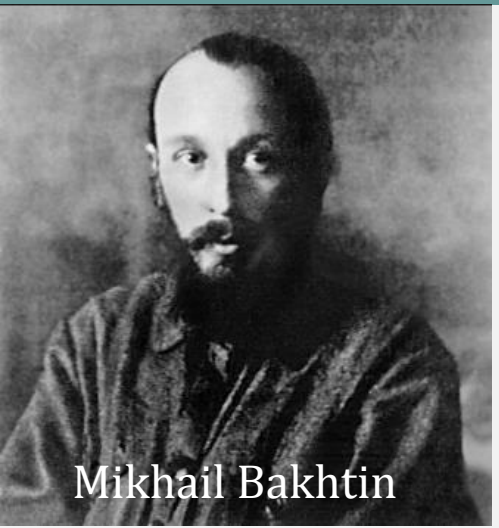
Fundação Carlos Chagas

estudante de escola pública
colégio técnico em alimentos
licenciatura (noturno) em ciências biológicas
mestrado em microbiologia
quase um doutorado em microbiologia
professora universitária
doutorado em educação
professora substituta na UFU
professora efetiva no INBIO
coordenadora do curso
diretora *pro tempore* do INBIO
assessora da reitoria
orientadora na pós em educação
bolsista de produtividade do CNPq
coordenadora do Museu de Biodiversidade do Cerrado
disciplina de estágio e metodologia
disciplinas optativas
disciplina ciências e mídias

Fundação Carlos Chagas

Passei a questionar a minha prática docente cotidiana frente aos intensos desafios de me constituir como uma professora formadora de outros professores e na responsabilidade social em contribuir com o processo formativo de sujeitos que passarão a formar outros sujeitos.

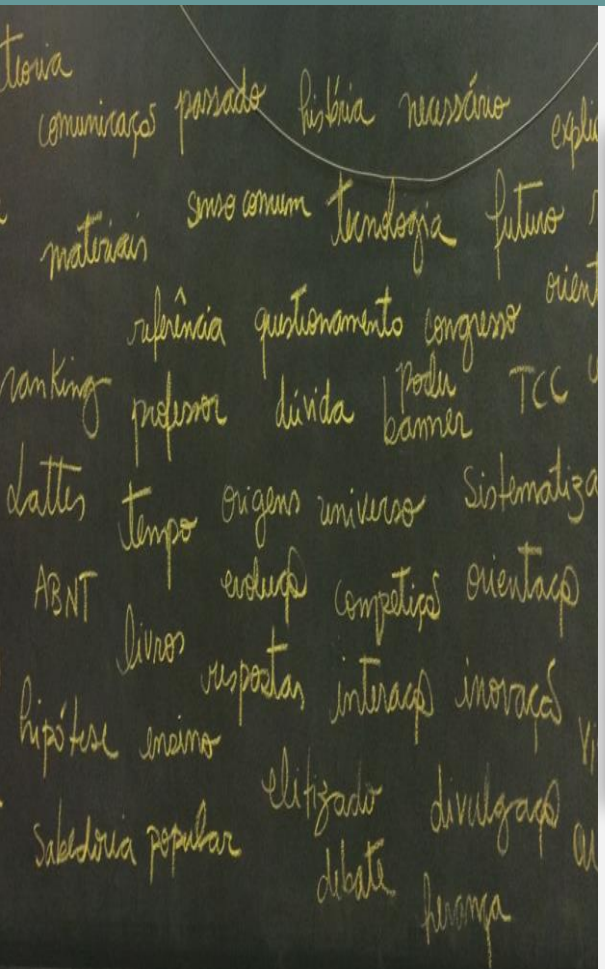
Fundação Carlos Chagas


Mikhail Bakhtin

Bakhtin me ajudou a perceber a docência na dimensão da alteridade, na polifonia das vozes dos outros que constitui nossos discursos e práticas e na ação responsável, que demanda uma vida sem álibis.

Para uma filosofia do ato responsável.

Fundação Carlos Chagas



Muitas vezes quando me deparava com a **falta de interesse,** com a **dificuldade** de dar prosseguimento em estudos mais complexos ou com a **necessidade de pontuar** determinadas atividades para que as mesmas fossem realizadas pelos estudantes, atribuía esses percalços à **rotina acadêmica**, à **pressão** do cotidiano na universidade, ao **currículo**, à **desmotivação** que é comum aos alunos dos períodos iniciais, e a muitos outros elementos que fazem sentido para explicar a complexidade da sala de aula.

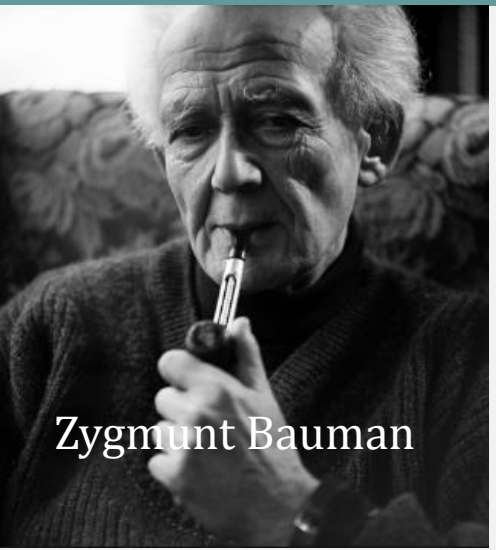
Fundação Carlos Chagas

Bakhtin me ajudou a ver que estava me apoiando em **álibis.**
E essa percepção me levou a estudar o **contemporâneo**,
na busca de compreender o **lugar-tempo** que habitamos e me aproximar dos estudantes em uma **entrega**.

Fundação Carlos Chagas

Lancei-me à leitura e reflexão daquilo que chamei de **álibis**.
Desejei compreender a desmotivação,
a falta de interesse, a insegurança,
o abandono, a desistência,
a solidão, a depressão,
a ansiedade, a tristeza, o desânimo que se manifestavam de diferentes formas nos corpos e nas falas dos estudantes.

Fundação Carlos Chagas



Bauman me ajudou a compreender que a **liquidez** dos nossos dias movimenta sensações de que tudo que não for para a **satisfação imediata,** deve ser adiado. Na sociedade do consumo, tudo pode ser descartado, substituído, trocado. Desde qualquer objeto num mercado às pessoas.

Tempos líquidos
Amor líquido

Fundação Carlos Chagas

Tive **medo**.
Mas Bauman nos conta que
"*os medos nos estimulam a assumir*
uma ação defensiva.
Quando isso ocorre,
a ação defensiva confere
proximidade
e tangibilidade
ao medo".

Fundação Carlos Chagas

E eu não queria assumir
uma **ação defensiva**.
Queria uma **ação responsável,**
de enfrentamento.
Assim, fiquei pensando
em como agir
na densidade aquosa
do nosso cotidiano.

Não vi outra possibilidade a não ser
atuar nas brechas.
Colocar-me junto aos meus
estudantes em abertura.
Em entrega ao desconhecido.
Em fragilidades.
Repensei-me.
Professora.

Eu-professora.
Uma anfitriã.
Ciceroneio estudantes por vãos-palavras.
Salas-sensibilidades.
Ruas-poemas.
Cidades-livros.
Museus-pessoas.
Objetos-ao-vento.
Por lugares ainda não pisados.
Por nós.

Fundação Carlos Chagas

Ao me repensar professora, repensei a disciplina **Ciências e Mídias.**

Crescia em mim uma percepção de que somente por meio da quebra da superficialidade das relações que estabelecemos em sala de aula, onde o conteúdo curricular é a prioridade, poderia me aproximar dos estudantes a ponto de nos olharmos em **profundidade.**

Fundação Carlos Chagas

Queria ter **uma ideia** para que o estudante se valorizasse no processo de criação e associasse essa ação à potência que há neles para essa produção. E que compartilhasse essa criação num ambiente empático.

Fundação Carlos Chagas

"Um criador não é um ser que trabalha pelo prazer. Um criador só faz aquilo de que tem absoluta necessidade." **(DELEUZE, 1999)**

Fundação Carlos Chagas

Gostaria que meus estudantes se encontrassem em uma situação na qual não houvesse outra possibilidade que não a invenção, a criação, por necessidade.

Mas como poderia afetá-los em impulsos de criação nesse **oceano de nãos** no qual estamos imersos cotidianamente? Como provocá-los a querer? A sentirem necessidade de criar?

Fundação Carlos Chagas

Como acolhe-los dizendo sim à criação e à diversidade de pensamentos?
Como materializar uma **sala de aula empática** aberta à escuta, à compreensão, à solidariedade e à tolerância com o processo de crescimento
do outro?

Fundação Carlos Chagas

Meu desejo era incentiva-los à **criação** e a partir desse movimento poder abordar os conteúdos curriculares previstos na ementa, que englobam temáticas sobre corpo e gênero, questões étnico-raciais, violência, consumo e tecnologias digitais.

Fundação Carlos Chagas

Sueli Rolnik afirma que "*para suscitar este aprendiz/criador no aluno, o professor tem que estar podendo suscitá-lo em si mesmo, conquistando a possibilidade de se deixar conduzir pelas marcas*"(ROLNIK, 1993, p.13).

Marcas que na concepção da autora são "*estados inéditos que se produzem em nosso corpo, a partir das composições que vamos vivendo*" (ROLNIK, 1993, p.2).

Fundação Carlos Chagas

Pensei nas minhas **marcas**.
Naquilo que por ter sido vivido e adensado em mim, me traz desassossego, e me impulsiona a criar, a pensar, a produzir.

As marcas se conjugam com nossas emoções.
Com aquilo que nos rodeia e que nos constituem.
Nesse momento percebi que uma possibilidade seria estimular os alunos a compartilharem suas **emoções**, suas **marcas**, em olhares sensíveis para o mundo.

Fundação Carlos Chagas

Ficava imaginando algo que poderia ser esse disparador que fizesse com que pudéssemos nos olhar para além do físico, conhecendo mais sobre o sujeito que está conosco e a nós mesmos, sem os rótulos que permeiam nosso imaginário.

Precisaríamos ser mutuamente afetados por algo muito potente.
Por aquilo que nos comove, nos emociona.

Fundação Carlos Chagas

Queria levantar meus alunos para as nuvens.

Em liberdade.
Na essência do que se experimenta.

Desgrudar do chão pegajoso dos blocos universitários.
Fazer uma festa.
Com batucadas.
Em vibração.
Escutando o que reverbera no outro.
Enxergando para além do corpo físico.
Sentindo o outro que divide conosco a sala de aula.

Impulsionada pelas leituras, e mergulhada no desassossego, ingressei em campanhas pela qualidade do ensino público junto ao **movimento sindical** da universidade, montei um grupo de **estudos** Bakhtinianos com professores da Psicologia, assumi meus desejos de estudar com maior profundidade os **artistas plásticos** contemporâneos que fazem suas produções a partir de interfaces com a biologia, adotei a prática da **meditação** tibetana como hábito diário, comecei a fazer aulas de **dança**, passei a **escrever** micro-contos com essência da luta feminista, e decidi aprender a tocar **pandeiro.**

E numa aula de pandeiro o *cajón* entrou na minha vida.

https://www.instagram.com/p/BMSmFiRgOV8/

Fundação Carlos Chagas

Vi o instrumento

Ouvi a musicista Heidi Joubert

Fiquei encantada

Quis saber sobre o *cajón*

E tive uma ideia...

Século XVII, no Peru
numa época em que a igreja católica
proibia o uso de tambores pelos escravos
e queimava esses instrumentos na
tentativa de minimizar a comunicação
entre eles.
Ante a proibição, os escravos usavam
diversos apetrechos de madeira como
gavetas e caixas para produzir sons que
acompanhavam as canções e os ritos
comuns africanos.

Fundação Carlos Chagas

Decidi que a estratégia interventiva que desejava implementar na disciplina Ciências e Mídias teria o nome de caixa em espanhol**, numa tentativa tênue de pulverizar uma outra concepção.**

Não mais daquela que guarda, que encaixota, que prende, e sim de uma caixa que liberta, que expande, que ecoa, que amplifica.

O **cajón** foi a inspiração para a criação de um **método didático** estruturado em três momentos:

1) o compartilhamento de algo materializado que reverberasse uma memória;

2) uma fotografia com um dizer que somente o estudante consegue ver na imagem;

3) um texto autoral.

Fundação Carlos Chagas

Meu exemplo

1) compartilhamento de algo que reverberasse uma memória

Hoje parei num semáforo e um rapaz se aproximou com uma caixa de isopor. Abaixei o vidro e ele explicou que tinha vindo da Bahia e estava vendendo bombons caseiros. Eu disse que se tivesse dinheiro eu compraria, mas não tinha. Aí ele me falou para pegar um bombom. Repeti que não tinha dinheiro. O rapaz insistiu. Era um presente. Disse que eu tinha sido a primeira pessoa a conversar com ele no dia e que ele estava precisando somente de um sorriso.

Relato dos estudantes

Uma embalagem de picolé sabor coalhada: lembrança do café da manhã na casa do sítio da avó, que mora no Maranhão e que há três anos não se veem.

Sapatinhos de bebê num azul clarinho: memória do irmão que morreu antes de completar seu primeiro ano de vida.

Cartas internacionais: saudades do pai que saiu para uma viagem pelo mundo, sozinho, numa bicicleta.

Fita colorida do Nosso Senhor do Bonfim: um agradecimento pelo milagre de ter conseguido se curar de uma depressão profunda.

Disco do Pink Floyd: presente do namorado que se suicidou.

Relato dos estudantes

Cartas

Eu trouxe para o cajón cartas que são muito importantes para mim. Fiquei pensando que doideira é essa. Essas cartas nem meu marido leu. E estão aqui, sendo mostradas para vocês.

Chaves **a materialização de uma conquista de morar numa cidade diferente após ter sido espancado pela mãe ao contar que era gay**

Quando a minha mãe me espancou eu tive o maxilar quebrado. A dor física foi enorme mas o que mais doeu foi meu coração. O cajón me ajudou a tirar uma parte do curativo. Eu não quero mais viver com esse curativo. Eu quero que o machucado cicatrize. Eu quero viver com a cicatriz.

Meu exemplo

2) fotografia com um dizer

Quiçá pudesse distribuir pílulas adocicadas para serem deglutidas de forma lenta, ao sabor dos afetos.
Enchendo de coragem corações esvaziados.
Deixando resíduos de goma em memórias do outro. Colando-nos em ternura.
Em rosas.
Em vermelhos.

Fundação Carlos Chagas

Relato dos estudantes

Foto da irmã dançando com ela

Professora, o que eu achei mais lindo no cajón é que eu contei que perdi minha irmã, mostrei a foto dela e você, professora, quis saber o nome dela. Mas você não perguntou como ela se chamava. Você perguntou no presente. Como ela se chama? Isso, professora, me comoveu muito porque a senhora percebeu que ela está viva em mim. Obrigada.

Foto da mãe com ele bebê no colo

O cajón me motivou a olhar de verdade para os meus problemas. Faz quatro anos que eu não conversava com a minha mãe. Ontem eu liguei para ela.

Foto do cachorro

Quando eu trouxe a fotografia do meu cachorro e falei do amor que eu sinto por ele, ninguém riu. Todo mundo entendeu que o amor estava lá, na foto.

Fundação Carlos Chagas

Meu exemplo

3) texto autoral

Catapulto-me em máquinas
transgressoras que irrompem as
multidões estratificadas de nãos.
Lanço-me em molas de desejos-
projéteis mirando o tangível.
Aquilo que pode ser sugado, lambido,
devorado na existência de ser-se.
Na produção do próprio tempo.
Na umidade da vida que acontece.
Que pulsa.
Em movimento.
Ao ser estilingue de mim mesma.

Fundação Carlos Chagas

Relato dos estudantes

Eu achava que nunca ia conseguir escrever algo que me tocasse porque nunca ninguém antes de você me disse que eu era capaz.

O *cajón* me deu vontade de fazer um canal no youtube para contar da minha vida com depressão. E eu gravei o primeiro vlog hoje.

Eu não consigo chorar com o *cajón*.
Eu disse à estudante: talvez porque você chore palavras. Chore poesia.
Ela: sim, professora, meu caderno de poemas que só tive coragem de fazer aqui, em Ciências e Mídias, vai virar um livro.

Fundação Carlos Chagas

Reverberações

Outro dia escutei gente do bacharelado, na fila do R.U. falando que essa disciplina deveria ser obrigatória para eles também. Percebe professora o movimento? Alguém do bacharelado reconhecendo que algo que é só da licenciatura é bom para eles? Percebe o que isso significa professora?

Eu sei que o *cajón* não é terapia, mas foi pelo *cajón* que eu tive força para perceber que eu precisava de ajuda.

Professora, eu queria desistir de ser professora, mas com *o cajón* eu vi que eu posso ser uma professora sensível, que realmente encontre possibilidades de fazer diferença junto aos meus alunos.

Professora, eu queria desistir de tudo porque tinha desistido de mim. Mas aí veio o *cajón* e me fez ter esperança na vida, nas pessoas, no amor e em mim mesmo.

Professora, o *cajón* é uma coisa muito louca. Como algo que alguém conta em menos de um minuto pode causar mudanças tão profundas?

Fundação Carlos Chagas

Reverberações

Professora, eu chorei muito para fazer o meu *cajón*. Mas é um choro de agradecimento. Por estar viva e por poder dividir isso com vocês.

Professora, eu queria desistir do curso, mas com essa disciplina voltei a gostar de mim. E a gostar de fazer o que eu achava que não gostava mais.

O *cajón* me fez ver meu colega de um jeito diferente, porque eu nunca tinha olhado para ele desse jeito. Eu não sabia que ele era assim. E nem ele sabia que eu era assim. Agora nos vemos por dentro.

O *cajón* tem uma força que é um eco. A gente leva com a gente para outros lugares, porque agrega ao coração.

Professora, você sempre diz que o *cajón* só existe no coletivo e isso é lindo porque é antagônico ao mundo de competição que é a universidade.

Fundação Carlos Chagas

PRÊMIO
PROFESSOR RUBENS
MURILLO MARQUES

Gratidão pelo prêmio

Esse trabalho é coletivo, polifônico, responsável e impregnado de afeto. Feito por muitos que acreditam na beleza da docência.

Dedico esse reconhecimento à minha mãe e ao meu pai por me incentivarem sempre a ser o que sonhei para mim.

Fundação Carlos Chagas